

WASHINGTON DA SILVA PARANHOS
(ORG.)

PASTORAL LITÚRGICA: desafios, práxis e destinatários



Organizador

Washington da Silva Paranhos

Colaboradores

Anderson Antônio Pedroso

Damásio Medeiros

Fábio de Souza Balbino

Jair Oliveira Costa

João Paulo Veloso

Kasper Mariusz Kapron

Luis Felipe Marques

Patrick Brandão

Renato Quezini

Rodrigo José Arnoso Santos

Sebastiano Bertin

Tânia Cristina de Souza de Oliveira

Waldecir Gonzaga

Washington Paranhos



Prof. Dr. Washington Paranhos, SJ, é presbítero jesuíta, doutor em teologia pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, na área da teologia litúrgica e sacramental; professor e pesquisador no Departamento de Teologia da PUC-Rio – atuando na Graduação, na Pós-Graduação e na Extensão; líder do Grupo de Pesquisa “A recepção da Reforma litúrgica e o debate litúrgico-sacramental contemporâneo” e editor da Revista *Atualidade Teológica*, além de atuar como Editor do Eixo “Liturgia e Sacramentos”, de *Theologica Latinoamericana*. Enciclopédia Digital; membro da ASLI – Associação de Liturgistas do Brasil e da Jungmann Society – Associação Internacional de Jesuítas Liturgistas.

Washington da Silva Paranhos
(Org.)

PASTORAL LITÚRGICA:
desafios, práxis e destinatários

LETRACAPITAL

Copyright © Washington da Silva Paranhos (Org.), 2026

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização
prévia e expressa do autor.

EDITOR

João Baptista Pinto

CAPA

Maria Clara Fagundess

PROJETO GRÁFICO/EDITORAÇÃO

Jenyfer Bonfim

REVISÃO

Dos autores

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P327

Pastoral litúrgica [recurso eletrônico] : desafios, práxis e destinatários / organização Washington da Silva Paranhos. Coordenação : Waldecir Gonzaga- 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2026.
Recurso digital ; 4 MB

Formato: epdf

Requisitos do sistema: adobe acrobat reader

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-366-2 (recurso eletrônico)

1. Igreja Católica - Liturgia. I. Paranhos, Washington da Silva.

CDD: 264.02

26-106139.0

CDU: 272-282

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

17/03/2026 18/03/2026

<http://dx.doi.org/10.56257/lcbk.978-65-5252-366-2>

LETRA CAPITAL EDITORA

Tels. (21) 3553-2236 / 2215-3781

www.letracapital.com.br

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Basílio da Silva, OSB (FSBRJ)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-Rio)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Sumário

Prefácio. Celebrar o que se crê, viver o que se celebra	8
<i>Anderson Antônio Pedroso, SJ</i>	
Apresentação	10
<i>Washington Paranhos, SJ</i>	
Introdução geral. O III Congresso Internacional de Liturgia e os desafios da pastoral litúrgica no tempo presente	14
<i>Washington Paranhos, SJ</i>	
Capítulo 1. “A Liturgia como fonte e cume da vida e da missão da Igreja”: Fundamentos e Desafios da Pastoral Litúrgica.....	17
<i>Sebastiano Bertin</i>	
Capítulo 2. Pastoral litúrgica no horizonte do Concílio Vaticano II: identidade, desafios e caminhos de renovação	29
<i>Luis Felipe Marques, OFMConv</i>	
Capítulo 3. Arquitetura e Estética Litúrgica: O Espaço como Catequese na Experiência Brasileira	43
<i>João Paulo Veloso</i>	
Capítulo 4. A práxis litúrgica como caminho de espiritualidade e comunhão.....	67
<i>Washington Paranhos, SJ</i>	
Capítulo 5. A Igreja com o rosto amazônico: Horizontes e perspectivas	85
<i>Damásio Medeiros</i>	
Capítulo 6. Liturgia, ministérios e organização das celebrações: do único ministro à uma assembleia pluriministerial	105
<i>Patrick Brandão</i>	

Capítulo 7. Música e pastoral litúrgica	123
<i>Jair Oliveira Costa</i>	
Capítulo 8. A relação entre <i>ars celebrandi</i> e a ministerialidade litúrgica: um diálogo sobre a necessidade da formação permanente de leitores, salmistas e ministros extraordinários	139
<i>Rodrigo José Arnoso Santos, CSSR</i>	
Capítulo 9. Quem são os destinatários da liturgia? Diversidade, inclusão e missão	165
<i>Kasper Mariusz Kapron, OFM</i>	
Capítulo 10. A formação litúrgica como urgência pastoral	183
<i>Fabio de Souza Balbino</i>	
Capítulo 11. A interação indissociável entre Liturgia e Catequese na Iniciação à Vida Cristã	196
<i>Renato Quezini</i>	
Capítulo 12. Quando o povo celebra sem compreender: A urgência da formação litúrgica	212
<i>Tânia Cristina de Souza de Oliveira</i>	
Capítulo 13. Ecoliturgia mariológica	233
<i>Tânia Cristina de Souza de Oliveira</i>	
Posfácio. III Congresso Internacional de Liturgia – ASLI (PUC-Rio 2025)	242
<i>Waldecir Gonzaga</i>	

Prefácio

Celebrar o que se crê, viver o que se celebra

Pe. Anderson Antônio Pedroso, SJ

Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

*“Quod itaque Redemptoris nostri conspicuum fuit,
in sacramenta transivit”*

*(O que era visível em nosso Redentor
passou para os sacramentos)*

— São Leão Magno, Sermão 74, 2

Sessenta anos separam-nos da promulgação da *Sacrosanctum Concilium*. A precedência desse documento na ordem dos trabalhos conciliares não foi acidental: ao abrir o Vaticano II pela liturgia, a Igreja afirmou que a renovação de seu rosto passava, necessariamente, pela renovação de sua forma de celebrar. Seis décadas depois, essa tarefa permanece, em larga medida, aberta. Os ritos foram reformados; a participação plena, consciente e ativa que o Concílio proclamava como direito e dever de todo batizado ainda é um desafio para a maioria dos fiéis. Nesse sentido, o diagnóstico do Papa Francisco na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* (2022) é preciso: a Igreja não precisa de uma nova reforma dos ritos, mas de uma nova geração de cristãos capazes de habitar o Mistério que já celebra.

Os textos reunidos neste volume partem dessa convicção e a desenvolvem sob ângulos complementares. A experiência litúrgica pede formação para todos, e o sujeito da liturgia não pode ser considerado somente o ministro que a preside, mas toda a assembleia que celebra. Essas duas proposições, aparentemente simples, têm consequências teológicas de longo alcance: implicam verdadeira pedagogia da iniciação litúrgica para todos e a clareza da diversidade da assembleia que legitima e plenamente celebra a liturgia. Isso pede um trabalho constante da parte dos teólogos e de

todas as pessoas interessadas no assunto. Embora gratos à tradição predominantemente europeia em sua transmissão do pensamento litúrgico, é necessário pensar também a partir da realidade latino-americana e, em particular, da Amazônia.

Que esta reflexão tenha nascido na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) não é circunstancial. A Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium* (2017) do Papa Francisco já convocava as universidades que possuem em seu seio faculdades eclesiais – como é nosso caso – a cultivar uma teologia capaz de integração vital entre saberes e práticas, entre a especialidade acadêmica e a síntese de sentido, entre a fidelidade à tradição e a coragem de pensar a partir dos desafios da cultura contemporânea. Fazer teologia litúrgica nesse contexto é responder, com todo o rigor que a matéria exige, à pergunta mais concreta que a vida eclesial fórmula: como uma comunidade aprende a celebrar o que crê – e a viver o que celebra?

A frase de Leão Magno que abre este prefácio encerra uma intuição que nenhuma reforma litúrgica pode substituir: o Mistério do Redentor não permanece no passado – passa para os sacramentos. Este livro nasce do desejo de que a reflexão teológica sobre o rito conduza ao rito; que o pensamento sobre a assembleia conduza à assembleia; e que a palavra escrita se dissolva, por fim, no silêncio devoto que antecede e sucede toda celebração digna desse nome. Que sirva à liturgia – e que a liturgia sirva à vida.

Apresentação

Washington Paranhos, SJ

A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, documento inaugural do Concílio Vaticano II, afirmou de modo decisivo que a liturgia é “o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde emana toda a sua força” (SC 10). Essa afirmação tornou-se uma das mais fecundas sínteses da renovação litúrgica conciliar, pois recoloca a celebração do mistério de Cristo no centro da vida e da missão eclesial. A liturgia não constitui um setor entre outros da ação pastoral da Igreja; ela é o lugar privilegiado onde a Igreja nasce continuamente do mistério pascal, é edificada como Corpo de Cristo e enviada em missão ao mundo.

Foi precisamente a partir dessa convicção que se realizou o III Congresso Internacional de Liturgia, promovido pelo Grupo de Pesquisa “A Recepção da Reforma Litúrgica e o Debate Litúrgico-Sacramental Contemporâneo”, em parceria com diversas instituições acadêmicas e eclesiais. Reunindo pesquisadores, docentes, estudantes, ministros ordenados, agentes de pastoral e especialistas em liturgia, o Congresso teve como tema central “**Pastoral Litúrgica: desafios, práxis e destinatários**”, propondo uma reflexão ampla sobre os fundamentos teológicos, as exigências pastorais e os horizontes missionários da celebração cristã.

O presente volume reúne as principais conferências e comunicações desenvolvidas durante o Congresso, oferecendo ao leitor um rico mosaico de perspectivas teológicas, pastorais e espirituais sobre a pastoral litúrgica no contexto contemporâneo. Embora diversos em seus enfoques, os textos convergem para uma mesma preocupação: compreender de que modo a liturgia continua a ser fonte de renovação da vida cristã e impulso permanente para a missão evangelizadora da Igreja.

O livro inicia-se com a reflexão de **Sebastiano Bertin**, intitulada “*A Liturgia como fonte e cume da vida e da missão da Igreja:*

fundamentos e desafios da pastoral litúrgica”. O autor apresenta os fundamentos teológicos da pastoral litúrgica e evidencia a intrínseca relação entre liturgia e missão, demonstrando que toda ação pastoral encontra sua origem e seu destino na celebração do mistério pascal.

Na sequência, **Frei Luis Felipe Marques, OFMConv**, em *“Pastoral litúrgica no horizonte do Concílio Vaticano II: identidade, desafios e caminhos de renovação”*, examina criticamente o conceito de pastoral litúrgica, suas múltiplas identidades e os desafios que emergem no atual processo de recepção da reforma conciliar. Sua reflexão evidencia a necessidade de uma formação sólida, capaz de articular fidelidade à tradição e criatividade pastoral.

A dimensão simbólica e catequética dos espaços celebrativos é aprofundada por **João Paulo Veloso** no capítulo *“Arquitetura e estética litúrgica: o espaço como catequese na experiência brasileira”*. O autor demonstra como a organização do espaço litúrgico participa da ação evangelizadora da Igreja, tornando-se verdadeira pedagogia da fé e lugar de iniciação ao mistério.

Em *“A práxis litúrgica como caminho de espiritualidade e comunhão”*, **Washington Paranhos** desenvolve uma reflexão sobre a dimensão espiritual da celebração cristã, evidenciando como a liturgia forma discípulos missionários, educa para a comunhão e conduz à transformação da vida cotidiana em culto espiritual.

A perspectiva amazônica é apresentada por **Damásio Medeiros** em *“A Igreja com rosto amazônico: horizontes e perspectivas”*. O texto situa o leitor no processo sinodal vivido pela Igreja na Amazônia, destacando os desafios e as potencialidades da inculturação litúrgica e da construção de uma Igreja verdadeiramente enraizada nas culturas locais.

A questão ministerial ocupa lugar central em diversos capítulos. Em *“Liturgia, ministérios e organização das celebrações: do único ministro à assembleia pluriministerial”*, **Patrick Brandão** analisa a passagem de uma compreensão clericalizada da ação litúrgica para a visão conciliar da assembleia como sujeito celebran-

te. Complementando essa temática, **Rodrigo José Arnoso Santos, CSSR**, em *“A relação entre ars celebrandi e a ministerialidade litúrgica”*, enfatiza a importância da formação permanente dos diversos ministros para a qualidade celebrativa das comunidades.

A música litúrgica, elemento constitutivo da ação ritual da Igreja, é abordada por **Jair Oliveira Costa** no capítulo *“Música e Pastoral Litúrgica”*. Sua reflexão evidencia a íntima relação entre música, participação, inculturação e sinodalidade, mostrando como o canto da Igreja expressa sua identidade e sua missão.

A atenção aos destinatários da ação litúrgica aparece de modo especial no texto de **Kasper Mariusz Kapron, OFM**, *“Quem são os destinatários da liturgia? Diversidade, inclusão e missão”*. O autor propõe uma leitura pastoral da participação litúrgica a partir das categorias de diversidade, inclusão e corresponsabilidade eclesial.

Um dos temas recorrentes em todo o volume é a formação litúrgica. Tal preocupação aparece explicitamente no capítulo de **Fábio de Souza Balbino**, *“A formação litúrgica como urgência pastoral”*, e também na reflexão de **Tânia Cristina de Souza de Oliveira**, *“Quando o povo celebra sem compreender: a urgência da formação litúrgica”*. Embora partindo de enfoques distintos, ambos os textos convergem na convicção de que a recepção da reforma litúrgica depende de processos formativos capazes de integrar conhecimento, experiência celebrativa e espiritualidade.

A relação entre liturgia e catequese é desenvolvida por **Renato Quezini** em *“A interação indissociável entre Liturgia e Catequese na Iniciação à Vida Cristã”*. Recuperando a tradição mistagógica da Igreja, o autor mostra que a iniciação cristã exige a integração entre celebração, anúncio da fé e testemunho de vida.

Encerrando o volume, **Tânia Cristina de Souza de Oliveira** oferece a reflexão *“Ecoliturgia mariológica”*, propondo um fecundo diálogo entre mariologia, liturgia e ecologia integral. Inspirado pela *Laudato Si’* e pela tradição mariana da Igreja, o texto aponta para uma espiritualidade celebrativa comprometida com o cuidado da criação.

Ao percorrer estas páginas, o leitor perceberá que a pastoral litúrgica não pode ser reduzida a questões organizacionais ou meramente funcionais. Trata-se de uma dimensão constitutiva da vida e da missão da Igreja, onde teologia, espiritualidade, catequese, arte, música, ministérios, formação e compromisso social convergem na celebração do mistério pascal de Cristo.

O volume é enriquecido, ainda, pelo prefácio de Pe. Anderson Antônio Pedroso, SJ, Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que situa a presente obra no horizonte da recepção da Constituição *Sacrosanctum Concilium* e da Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, recordando que o verdadeiro desafio da renovação litúrgica consiste em formar comunidades capazes de celebrar o mistério de Cristo de modo pleno, consciente e transformador. Ao final, o posfácio do Prof. Dr. Waldecir Gonzaga retoma o itinerário do III Congresso Internacional de Liturgia, evidencia a relevância acadêmica e eclesial das contribuições aqui reunidas e destaca o valor desta publicação como expressão do diálogo entre pesquisa teológica, formação pastoral e compromisso evangelizador da Igreja.

Desejamos que esta obra contribua para o aprofundamento da recepção da reforma litúrgica conciliar, favoreça a formação dos agentes pastorais e inspire novas práticas celebrativas capazes de unir fidelidade à tradição, participação ativa dos fiéis e dinamismo missionário. Que as reflexões aqui reunidas ajudem a redescobrir a liturgia como verdadeira escola de comunhão, espiritualidade e missão, onde a Igreja encontra continuamente sua fonte de vida e seu impulso evangelizador.

Introdução geral

O III Congresso Internacional de Liturgia e os desafios da pastoral litúrgica no tempo presente

Washington Paranhos, SJ

A publicação deste volume nasce da experiência acadêmica, pastoral e eclesial do III Congresso Internacional de Liturgia, realizado entre os dias 27 e 29 de agosto de 2025, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Promovido pelo Grupo de Pesquisa *A Recepção da Reforma Litúrgica e o Debate Litúrgico-Sacramental Contemporâneo*, em parceria com a Associação dos Liturgistas do Brasil (ASLI), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e diversas instituições e organismos eclesiais, o Congresso constituiu um espaço privilegiado de encontro, reflexão e diálogo sobre os desafios contemporâneos da pastoral litúrgica.

A iniciativa integra um projeto mais amplo que busca oferecer, anualmente, um fórum internacional de reflexão sobre temas centrais da teologia litúrgica e da vida celebrativa da Igreja. Em continuidade às edições anteriores, o III Congresso reuniu pesquisadores, professores, estudantes, ministros ordenados, religiosos, religiosas e agentes de pastoral em torno do tema **“Pastoral Litúrgica: desafios, práxis e destinatários”**, procurando aprofundar questões que se apresentam como particularmente urgentes no atual momento da recepção da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II.

Passadas mais de seis décadas da promulgação da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, a Igreja continua empenhada na tarefa de acolher, compreender e concretizar as intuições fundamentais da renovação litúrgica conciliar. Trata-se de um processo ainda em curso, marcado por avanços significativos, mas também por tensões, incompreensões e desafios que exigem permanente discernimento teológico e pastoral.

Nesse contexto, o pontificado do Papa Francisco representou um momento particularmente importante para a retomada e o aprofundamento do caminho conciliar. Desde os primeiros anos de seu ministério petrino, Francisco insistiu na necessidade de uma Igreja em saída, missionária, sinodal e próxima da vida concreta do povo de Deus. Tal perspectiva possui profundas implicações para a compreensão da liturgia, uma vez que a celebração não pode ser concebida como realidade isolada da vida e da missão da Igreja.

A Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* (2022) tornou-se uma referência fundamental para esse processo. Nela, o Papa reafirma o caráter irreversível da reforma litúrgica e recorda que a principal tarefa da Igreja não consiste simplesmente em defender normas ou corrigir abusos, mas em promover uma autêntica formação litúrgica do povo de Deus. A liturgia é apresentada como lugar de encontro com Cristo Ressuscitado, escola de discipulado, espaço de comunhão e fonte permanente da missão evangelizadora.

Essa perspectiva recoloca no centro do debate uma questão decisiva: a dimensão pastoral da liturgia. Não se trata de compreender a pastoral litúrgica como um setor especializado da ação eclesial ou como uma simples organização de celebrações. A pastoral litúrgica diz respeito à própria forma como a Igreja vive, celebra e transmite o mistério da fé. Em outras palavras, não existe verdadeira ação pastoral que não encontre na liturgia sua fonte e seu cume, assim como não existe liturgia autêntica que não possua uma profunda dimensão pastoral e missionária.

Foi precisamente essa convicção que inspirou a organização do III Congresso Internacional de Liturgia. O evento procurou refletir sobre três grandes eixos que atravessam a vida celebrativa da Igreja contemporânea: os desafios da pastoral litúrgica diante das transformações culturais e sociais do nosso tempo; a práxis celebrativa enquanto lugar de espiritualidade, formação e comunhão; e os destinatários da ação litúrgica, compreendidos em toda a diversidade que caracteriza o povo de Deus.

As conferências, seminários e comunicações científicas desenvolvidos durante o Congresso evidenciaram a riqueza e a

complexidade do campo litúrgico contemporâneo. Questões relacionadas à formação litúrgica, à ministerialidade, à música sacra, à arquitetura e ao espaço celebrativo, à iniciação à vida cristã, à inculturação, à sinodalidade, à realidade amazônica e à dimensão ecológica da liturgia foram abordadas sob diferentes perspectivas, revelando a vitalidade da pesquisa litúrgica atual e sua estreita relação com os desafios pastorais das comunidades.

Os textos reunidos neste livro testemunham essa diversidade de abordagens e, ao mesmo tempo, manifestam uma profunda unidade de horizonte. Todos partem da convicção de que a liturgia continua sendo o lugar privilegiado onde a Igreja encontra sua identidade mais profunda, alimenta sua espiritualidade, fortalece sua comunhão e recebe o impulso para sua missão evangelizadora.

Em um contexto cultural marcado pela fragmentação da experiência religiosa, pelo enfraquecimento da linguagem simbólica, pela aceleração tecnológica e pela crescente dificuldade de transmitir a fé às novas gerações, a reflexão litúrgica torna-se ainda mais necessária. Redescobrir a centralidade da liturgia significa redescobrir a própria identidade da Igreja, chamada a ser sacramento de comunhão e sinal da presença salvífica de Cristo no mundo.

Esperamos que as contribuições aqui reunidas possam favorecer o aprofundamento da reflexão teológica, estimular novas pesquisas e oferecer subsídios concretos para a vida pastoral das comunidades. Mais do que uma simples coletânea de estudos, esta obra deseja participar do esforço contínuo de recepção da reforma litúrgica, colaborando para que a liturgia seja cada vez mais vivida como experiência do mistério, escola de espiritualidade, expressão da comunhão e fonte permanente da missão da Igreja.

Capítulo 1

“A Liturgia como fonte e cume da vida e da missão da Igreja”: Fundamentos e Desafios da Pastoral Litúrgica

Sebastiano Bertin¹

Introdução. O significado da pesquisa

O tema da pastoral litúrgica expressa a maneira como se conduz a vida eclesial em relação à sua alma celebrativa. Liturgia e pastoral estão intrinsecamente relacionadas. Por um lado, surge a questão de como a pastoral conduz à liturgia; por outro, não podemos esquecer que a própria liturgia é pastoral. Nosso horizonte, portanto, determina que a liturgia é pastoral; não se trata apenas de comparar “liturgia e pastoral”, mas de compreender que “a liturgia é pastoral”. Nossa maneira de compreendê-la, celebrá-la e propô-la revela o que é a pastoral para nós e como a vivemos. Como nossa compreensão da liturgia gera uma boa prática pastoral? Como nossa celebração litúrgica expressa a missão da Igreja?

1. A concepção de liturgia

1.1. É realmente cume e fonte?

Quando se fala de liturgia no contexto da teologia pastoral, muitas vezes tenta-se justificar a existência própria do rito e da participação nos sacramentos; assim, em vez de se falar da liturgia em si, fala-se da razão pela qual ela existe. Parece que, de modo geral, a ideia fundamental dos cristãos neste primeiro quarto de

¹ Doutor em Teologia com especialização litúrgico-pastoral em 2021 no Instituto de Liturgia Pastoral Santa Justina de Padova, Itália. Atualmente ensina no mesmo Instituto. Email: bertin.sebastiano@gmail.com

século se limita a motivar a fé e a Igreja a partir do seu compromisso com o mundo: se a Igreja se compromete com os pobres e dá um bom testemunho em favor da educação e da sociedade, então a fé faz sentido. No entanto, a partir deste plano de fundo moral e testemunhal, a presença de Jesus na Igreja é motivada pela celebração. Este é o método que tem animado a missão da Igreja nas últimas décadas.

Contudo, há uma questão que motiva a liturgia na vida da Igreja e que provavelmente a descreve apenas como o *cume*: ao completar um caminho de testemunho ou a trajetória de um grupo paroquial, a Santa Missa aparece como o horizonte ao qual a Igreja chega. Especialmente na pastoral juvenil, a liturgia é frequentemente apresentada desta forma: na Itália, após uma semana com os jovens da paróquia em um lugar apazível, como a montanha, a missa é celebrada como a meta da semana vivida em comum.

Talvez a teologia atual também precise compreender o sentido de *fonte* da liturgia. Na Itália, tal como no Brasil, a vida pastoral poderia continuar mesmo sem a celebração, que por vezes parece algo apenas “justaposto”; no entanto, os teólogos não cessam de afirmar que ela é *cume* e *fonte*. Em alguns livros de pastoral juvenil ou de teologia fundamental, a celebração eucarística sequer é mencionada. Muitas vezes, reduzimos a pastoral a uma prática educativa ou caritativa *sem* um fundamento litúrgico capaz de acolher a vida real das pessoas envolvidas no rito. A questão que se impõe agora é a necessidade de uma pastoral capaz de *partir do rito* para tecer toda a vida da Igreja, para que a pastoral possa brotar da liturgia e iluminar todos os aspectos do compromisso do homem no mundo². Para isso, é necessário reconhecer os pressupostos de um percurso teológico profundo e significativo.

1.2. O aspeto teológico do encontro com Deus

O centro teórico da reflexão sobre a liturgia não reside na forma como o homem pode encontrar Deus. Se o homem é capaz de

² GIRARDI, L., Introduzione, p. 5-10.

encontrar Deus, é necessário que existam ocasiões aptas a realizar esta ligação. Para tal, são necessárias duas clarificações.

A primeira é que Deus é sempre o mesmo, enquanto o homem é repleto de facetas e contradições, e o seu modo de pensar altera-se de época para época e de continente para continente. Quando a teologia reflete sobre o homem, não pretende esquecer Deus ou substituí-lo pelo homem: procura, antes, encontrar os caminhos mais oportunos para que o ser humano possa encontrar o Criador. Compete, portanto, à teologia afirmar sempre a mesma fé, traduzindo-a em termos sempre novos, de acordo com as condições vividas pelo homem que busca a Deus. Esta “tradução” teológica não pretende desvalorizar a reflexão, mas torná-la acessível a cada pessoa em cada tempo, para que cada filho de Deus possa encontrar o Pai.

A segunda clarificação consiste no valor dos sacramentos para o ser humano. Dissemos que o homem é capaz de encontrar Deus: pode encontrá-lo numa caminhada solitária, na prática de um ato de caridade, na oração silenciosa do coração ou ao contemplar um pôr do sol maravilhoso; contudo, os sacramentos permanecem necessários. Os sacramentos e a liturgia são necessários para que o homem não suspeite de uma autossugestão criada por si mesmo. Sem um elemento concreto e extrínseco, externo a si, o homem poderia pensar que a sua oração é apenas um fluxo de pensamentos. Com os sacramentos não é assim: a concretude dos gestos, da matéria e dos lugares dedicados à liturgia permite a quem celebra um rito compreender que não se trata apenas da sua própria necessidade do divino, mas que, nesses momentos, o divino está realmente presente!³

Este é o plano de fundo teológico da famosa “viragem antropológica” do século XX⁴. Não se trata de uma substituição de Deus pelo homem, mas de uma reflexão sobre como o homem pode ser acompanhado para se ligar a Deus cada vez mais profundamente. A *Sacrosanctum Concilium* considera que nenhum evento da Igreja pode igualar-se à liturgia; de facto, apenas a liturgia

³ GIRARDI, L. (Org.), *Liturgia e partecipazione*, 2013.

⁴ GRILLO, A., *Introduzione alla teologia liturgica*, p. 177-192; 199-208.

despoja o homem das suas produtividades pessoais para o colocar num rito pré-ordenado e especificamente regulado, de modo que o homem se coloque num caminho onde o próprio rito o leva pela mão à experiência de Deus. A carta *Desiderio Desideravi* é muito clara sobre este aspeto: nada pode falar de Jesus ou permitir que os apóstolos façam a experiência de Cristo tanto quanto participar naquela Ceia que é o cumprimento da vida de Jesus⁵.

1.3. Para além das reduções conteudistas ou moralistas

De fato, a liturgia é frequentemente mal compreendida, oscilando entre dois reducionismos que comprometem a sua conceção. Por um lado, há o extremo da redução aos conteúdos; por outro, a redução ao dever moral.

O primeiro extremo, que descaracteriza a liturgia, consiste na ideia de que é necessário *aprender* algo em cada rito: muitos cristãos acreditam que a missa só faz sentido quando se aprende algo de novo sobre o Evangelho, o que justifica o sucesso de pregadores capazes de atrair multidões pela retórica. No entanto, nós já conhecemos o Evangelho; não buscamos apenas aprender novidades, mas reviver essa Novidade. Queremos entrar *na* história da salvação da qual já conhecemos o fim, e o rito permite-nos reatualizá-la. Quando se encontra uma pessoa querida, o objetivo não é apenas colher informações novas, mas simplesmente estar com ela.

O outro extremo consiste na redução ao *dever moral*. Se a missa se limita ao cumprimento de um preceito, o seu plano de fundo relacional desvanece-se. Ninguém visita um amigo querido apenas porque “é preciso” ou “para cumprir um dever”. Por vezes, o preceito salvaguarda uma relação, mas a relação é sempre mais importante do que o preceito. Entre estes dois extremos, a pastoral atual deve acompanhar os fiéis na experiência do encontro com Deus⁶.

⁵ DV 7.

⁶ BERTIN, S., *Actio*, p. 109-116.

Por isso, o ritual litúrgico possui um campo próprio: realiza-se nas ações e na percepção corporal, alimentando-se de uma sensibilidade cuidada. Não se trata de uma busca por estetismo ou excentricidades teatrais, mas da eficácia da ação: cada ritual é um ato realizado nos nossos corpos e através dos nossos sentidos, para que a nossa mente seja habitada pelo Evangelho e a nossa alma esteja unida a Deus⁷.

2. A pastoralidade: a vida da Igreja como reflexão teológica sobre a liturgia

2.1. O conceito de pastoralidade

Compreendido o sentido teórico da celebração para a vida da Igreja, torna-se necessário apreender a matriz *pastoral* da liturgia, para que esta não seja estranha ou alheia ao caminho eclesial. Desde o seu início, o Concílio Vaticano II caracterizou-se por esta interpretação: a fé permanece a mesma, mas o homem e a cultura mudam continuamente; por isso, a Igreja tem a tarefa de encontrar os caminhos para que o ser humano encontre Deus.

O homem do mundo secularizado e pós-moderno pode encontrar Deus? Segundo a teologia, sim: cada pessoa, de cada tempo e lugar, pode caminhar em direção ao Criador. Portanto, todas as atividades da Igreja buscam acompanhar a humanidade – como um pastor acompanha o seu rebanho – rumo à comunhão com Deus. A pastoral, segundo a *Gaudium et Spes*, consiste em ler a situação do mundo e do homem para o acompanhar na sua relação com o divino. Por essa razão, a escola, a caridade e a socialização podem conduzir os homens ao bem e à vida plena e, através da Igreja, chegar a Cristo.

Este poderia ser um critério fundamental de verificação das nossas atividades pastorais paroquiais: os nossos esforços conduzem, de fato, os jovens, adultos e idosos à relação com Deus?⁸

⁷ DELLA PIETRA, L., *Una Chiesa che celebra*, p. 38-40.

⁸ BERTIN, S., «Perché questo spreco?» (Mt 26,8), p. 147-156.

Neste contexto, surge agora outra questão: a liturgia é apenas um dos caminhos que levam o homem ao encontro com Deus? Este é o problema de fundo e o principal desafio para a pastoral litúrgica.

2.2. A teologia contemporânea e a relação com a antropologia e as ciências humanas

A teologia atual sente a necessidade de acompanhar o homem contemporâneo ao encontro com Deus, refletindo sobre a condição humana não para diminuir o divino, mas para alcançá-lo mais facilmente. A espiritualidade do homem não pode estar dissociada da liturgia; para o Concílio, a liturgia é o cume máximo e a fonte mais profunda da experiência espiritual. Portanto, não se pode aceitar que ela seja vivida apenas como erudição ou dever, pois a liturgia exige ser a fonte da vida de fé.

Por este motivo, a liturgia deve ser investigada segundo critérios pastorais: de que modo a liturgia é compreendida pela cultura contemporânea? De que modo a realização de um rito facilita a fé? De que modo a prática ganha sentido e profundidade para quem crê? A partir dessas perguntas, a teologia litúrgica passou a utilizar as ciências humanas para compreender como a prática do rito pode ter incidência e significado para o sujeito que celebra⁹. Não basta afirmar que se trata de um rito sagrado obrigatório; é preciso que ele seja efetivamente frutuoso para quem crê, e que essa forma ritual seja a experiência que dá forma aos crentes e conforma a Igreja ao seu Senhor.

Para que a ritualidade tenha profundidade, é necessário um cuidado zeloso com a prática. Cada rito – o que é válido para todas as religiões e povos – constitui o fundamento da sociedade que se reconhece unida por aquele evento realizado em conjunto¹⁰. Para que o rito seja considerado a fonte da vida comunitária e o critério que determina a interpretação da existência, do além, do mundo, do sentido da dor e da festa, ele deve ser avaliado de acordo com o

⁹ BONACCORSO, G., *Il dono efficace*, 2010.

¹⁰ RAPPAPORT, R., *Rito e religione nella costruzione dell'umanità*, 2002; XYGALATAS, D., *Ritual*, 2022.

seu impacto prático na vida dos celebrantes. A antropologia cultural permite à teologia compreender o valor dos ritos e do universo simbólico. A psicologia auxilia na compreensão do valor da linguagem litúrgica. A sociologia ajuda a situar a reflexão religiosa num quadro social amplo, enquanto a linguística colabora para que a teologia compreenda o valor da palavra e de uma tradução adequada.

2.3. A práxis como questão determinante: o nascimento da *ars celebrandi*

Em resumo: para a liturgia, não basta saber que Deus existe; a liturgia busca a experiência sensível da presença de Deus. Por essa razão, ela possui um universo simbólico e uma linguagem marcadamente material: pão, vinho, sons, cores, vestes, lugares de culto, água, óleo, velas, perfumes. Durante o rito, os cristãos não se limitam a pensar na proximidade de Deus; eles agem e realizam algo que efetiva o encontro com o divino. A fé não se restringe a conceitos e ideias; ela é vivida em ações e ritos que imergem os fiéis em uma profunda experiência de espiritualidade.

Se entre os anos 80 e o início do novo milênio a teologia litúrgica se questionava sobre a natureza e a finalidade dos ritos, hoje a pergunta central é: *como* celebrar os ritos? O aprofundamento sobre a *qualidade* da prática não é um mero capricho de pessoas meticulosas; a qualidade da celebração exprime uma visão teológica que reconhece no rito a fonte e o cume da espiritualidade cristã e da pastoral da Igreja. O zelo pelo modo de celebrar revela que a missão eclesial está plenamente centrada no encontro sacramental entre a humanidade e Deus. A educação dos jovens, a caridade para com os pobres, o compromisso com a justiça, o estudo e a catequese possuem a mesma fonte e o mesmo horizonte: estar com Deus. É deste núcleo que nasce a arte de celebrar.

A exortação apostólica *Sacramentum Caritatis*, de Bento XVI, surgiu como resposta a uma difusão de abusos litúrgicos. O Papa, contudo, não respondeu apenas com a crítica ao abuso, mas com o convite ao cuidado com o “bom uso”. Para a pastoral litúrgica, isso

é fundamental: a melhor forma de limitar os abusos é zelar pela prática litúrgica de acordo com o seu sentido intrínseco. Com este documento, o magistério começa a interessar-se pela *ars celebrandi*. O centro da atenção desloca-se do limite a não ultrapassar para a ação do rito, que deve ser realizada com amor. Este desafio, tipicamente pastoral e plenamente teológico, encontra o seu cumprimento na carta apostólica *Desiderio Desideravi*, do Papa Francisco. Nela, o tema da *ars celebrandi* é abordado com profundidade teológica e, sobretudo, considerado um recurso pastoral e espiritual indispensável, dedicando-lhe uma ampla seção (números 48 a 60).

Para sermos mais concretos, proponho dois exemplos sobre a arte de celebrar. O primeiro, do teólogo francês François Cassingena-Trévedy¹¹, considera que cada rito deve ser proporcionado ao mistério e à assembleia concreta: é a Deus que a assembleia deve chegar, e nenhum rito pode ser descuidado. No entanto, cada assembleia é distinta: um grupo de seminaristas possui ritmos, qualidade de canto e capacidade de silêncio diferentes de um grupo de crianças. Uma missa celebrada em uma catedral, com coro solene e inúmeros ministérios, possui as mesmas orações de uma missa celebrada na Amazônia com apenas três pessoas, mas o “evento” criado é totalmente diferente. O rito “em ato” considera inevitavelmente as possibilidades concretas da assembleia. A arte de celebrar exige encontrar as expressões mais adequadas para cada comunidade.

O segundo exemplo vem de Paolo Tomatis¹², que considera que cada rito possui uma “excedência” (uma saída do mundo ordinário) e uma “implicação” (uma ligação com a realidade cotidiana). A arte de celebrar consiste em encontrar o justo equilíbrio para que os ritos não sejam “monótonos” ou “planos”, sendo capazes de transmitir o sentido do sagrado sem se tornarem pesados ou alienantes. Devem permanecer compreensíveis, sem se reduzirem a um simples grupo de partilha paroquial. A *ars celebrandi* exige tomar a assembleia concreta pela mão e conduzi-la à experiência do Ressuscitado. A qualidade da prática é, portanto, o aspecto determinante.

¹¹ CASSINGENA-TRÉVEDY, F., La liturgia, p. 80-92.

¹² TOMATIS, P., Accende lumen sensibus, p. 255-270.